

Brasil está preparado para novo desenvolvimentismo, diz Bresser

Para ex-ministro, é preciso adotar novas estratégias para estimular o crescimento da economia e conter o avanço do real

Ilton Caldeira, iG São Paulo | 12/01/2011

Após ter atravessado a crise financeira mundial como um dos países que menos sentiu os impactos da maior turbulência econômica desde 1929, o Brasil precisa buscar um maior avanço no desenvolvimento, mas com menos dependência de capital externo, uma taxa de juros real menor que os atuais 5% e uma taxa de câmbio mais equilibrada onde o real não esteja tão valorizado em relação às demais moedas, principalmente em relação ao dólar.

Essas são algumas das teses defendidas pelo economista e ex-ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser-Pereira, que durante mais de 11 anos de pesquisas, após sua saída do governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, elaborou um modelo econômico que ele define como o “novo desenvolvimentismo”.



Foto: Greg Salibian/iG

O ex-ministro Bresser-Pereira: Controle cambial é um ponto central no novo desenvolvimentismo

De acordo com Bresser, esse modelo desenvolvimentista representa uma estratégia nacional de crescimento econômico e de fortalecimento da competitividade do País no mercado global. Segundo ele, esse conjunto de propostas seria uma alternativa ao

neoliberalismo e à ortodoxia convencional adotado por muitos países, como o Brasil nos anos 90, e que se esgotou muito rapidamente.

“Esse conjunto de ideias tem como base algumas premissas como o desenvolvimento por meio de exportações aliado a um mercado interno forte, responsabilidade fiscal e uma política monetária com um forte controle da inflação e da taxa de câmbio”, explica o economista.

Para Bresser, que foi ministro da Fazenda em 1987, durante o governo de José Sarney, sua proposta de desenvolvimento, de certa forma, é uma contraposição ao desenvolvimento com poupança externa ou com endividamento externo que caracteriza o recente ciclo econômico do Brasil. “No novo desenvolvimentismo o objetivo é promover o crescimento por meio da poupança interna, a exemplo do que fizeram os países asiáticos como a China. Os países daquela região desenvolveram-se quase que exclusivamente com recursos internos”, analisa.

O Brasil, na avaliação de Bresser, está flertando com o novo desenvolvimentismo desde o segundo governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. “Quase tudo o que a equipe econômica tem procurado fazer vai nesse sentido, inclusive o recém anunciado pacote de estímulo para crédito de longo prazo”, diz.

Mas, segundo ele, um ponto onde o governo não obteve sucesso foi no controle da taxa de câmbio. “O controle cambial é um ponto central no novo desenvolvimentismo. O governo recebeu um câmbio com US\$1 valendo R\$ 3,95 e está deixando para a presidente Dilma Rousseff um câmbio de R\$ 1,70.”

Controle cambial

Na opinião de Bresser, o aumento em outubro do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) de 4% para 6% nos investimentos estrangeiros em renda fixa foi uma medida acertada, mas o governo fracassou na questão cambial porque não teve ajuda do Banco Central, que segundo ele, foi conservador.

“Sou favorável à quarentena para a entrada de recursos externos no Brasil”, diz. Mas para fazer um controle forte de entrada de capitais é preciso que aja apoio da sociedade, segundo Bresser. “Controle de capital não é um pecado mortal. O dólar cotado entre R\$ 2,40 e R\$ 2,50 seria um câmbio razoável. O Brasil poderia crescer o dobro dos atuais 3,5% per capita se tivesse a taxa de câmbio correta”, acrescenta.

A culpa pelos desequilíbrios na área cambial não é da China, pontua Bresser. Segundo ele, o país asiático está tentando conter seus próprios desequilíbrios internos para não inviabilizar o desenvolvimento de sua indústria de alta tecnologia. “Não adianta culpar a China. Temos que tratar de cuidar da nossa casa. Mas pra isso é preciso baixar os juros e controlar com força a entrada de capitais externos para não gerar distorções na nossa taxa de câmbio.”

O ANTIGO E O NOVO DESENVOLVIMENTISMO

ANTIGO DESENVOLVIMENTISMO

1. A industrialização é baseada na substituição de importações.
2. O Estado tem um papel central na obtenção de poupança forçada e na realização de investimentos.
3. A política industrial é central.
4. Atitude mista em relação aos déficits orçamentários.
5. Relativa complacência com a inflação.

NOVO DESENVOLVIMENTISMO

1. Crescimento baseado na exportação combinado com um mercado interno forte.
2. O Estado deve criar oportunidades de investimento e reduzir as desigualdades econômicas.
3. A política industrial é subsidiária.
4. Rejeição dos déficits fiscais.
5. Sem complacência com a inflação.

Foto: Arte iG

Combate à inflação

Segundo Bresser, que foi ministro da Administração Federal de 1995 a 1998 no primeiro mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso, seu método também difere do chamado “velho desenvolvimentismo”, modelo econômico que predominou no Brasil entre os anos 50 e 80 e era voltado para para um País ainda agrícola e que precisava fazer a sua revolução industrial com uma mão de obra pouco qualificada.

“Aquele modelo estava baseado na proteção da indústria nacional. Num papel do Estado não apenas como indutor do desenvolvimento, mas também como investidor e promotor da poupança forçada”, diz. “Nesse cenário, o Estado aceitava uma inflação na casa de 20% ao ano como razoável”, completa.

Já o novo desenvolvimentismo tem como base um cenário econômico em que o país tenha uma renda média, completado sua revolução industrial, uma grande classe de empresários e uma grande classe média profissional.

“O Brasil, ao meu ver, completou sua revolução industrial em meados dos anos 70”, diz o economista. “Hoje é um outro mundo. E nesse outro mundo, você tem muito menos protecionismo, o Estado tem um papel apenas indutor e não produtor e não deve haver nenhuma tolerância em relação à inflação.”